

DIONÍSIO DA TRÁCIA, *ARTE*

Nota introdutória

A matéria exposta na *Arte* de Dionísio da Trácia (séc. II-I a.C.) pode-se dividir em duas partes. Na 1ª PARTE (“Cap. 1-4”), Dionísio define gramática, arrola as seis partes desta e, daí, expõe a primeira, isto é, a leitura; na 2ª PARTE (“Cap. 6-20”), expõe o elemento (ou letra), a sílaba, a palavra (ou parte da oração) e a oração – mais precisamente, das letras, expõe as vogais e consoantes; das sílabas, a longa, a breve e a comum; das partes da oração, o nome, o verbo, o particípio, o artigo, o pronome, a preposição, o advérbio, a conjunção –. Entre uma e outra parte, porém, interpõe-se um EXCURSO (“Cap. 5”), isto é, uma breve lição sobre rapsódia. Assim, a partição da *Arte* pode-se resumir da seguinte maneira:

1ª PARTE: partes da gramática (cap. 1-4)

1. leitura (cap. 2-4)

1.1. interpretação (cap. 2)

1.2. tom (cap. 3)

1.3. ponto (cap. 4)

EXCURSO: rapsódia (cap. 5)

2ª PARTE: partes da oração (cap. 6-20)

1. partes não-significativas (cap. 6-10)

1.1. elemento (cap. 6)

1.2. sílaba (cap. 7)

1.2.1. sílaba longa (cap. 8)

1.2.2. sílaba breve (cap. 9)

1.2.3. sílaba comum (cap. 10)

2. partes significativas (cap. 11-20)

2.1. palavra (cap. 11)

- 2.1.1. nome (cap. 12)
- 2.1.2. verbo (cap. 13)
 - 2.1.2.1. conjugação (cap. 14)
- 2.1.3. particípio (cap. 15)
- 2.1.4. artigo (cap. 16)
- 2.1.5. pronome (cap. 17)
- 2.1.6. preposição (cap. 18)
- 2.1.7. advérbio (cap. 19)
- 2.1.8. conjunção (cap. 20)

A seguir, apresenta-se tradução anotada da *Arte*. A tradução foi feita a partir do texto grego editado por Gustav Uhlig (*Dionysii Thracis Ars Grammatica*. Edição de G. Uhlig. Leipzig: Teubner, 1883). As notas, por sua vez, atêm-se a um só aspecto, isto é, a problemas de coerência entre as partes da *Arte*, resumindo as soluções propostas nos escólios desta.

Tradução

ARTE, DO GRAMÁTICO DIONÍSIO

1. ACERCA DA GRAMÁTICA¹

GRAMÁTICA é a perícia no que o mais das vezes se diz nos poetas e também nos prosadores.² As partes dela, por sua vez, são seis:

- a primeira, a versada leitura com relação à acentuação;
- a segunda, a explicação com relação aos tropos poéticos³ presentes [no que se diz];
- a terceira, a exposição corrente de palavras estranhas e também de histórias;
- a quarta, a descoberta da etimologia;
- a quinta, a demonstração da analogia;
- a sexta, o julgamento dos poemas,⁴ a qual de fato é a mais bela das que há na arte [gramatical].⁵

2. ACERCA DA LEITURA⁶

LEITURA é a pronúncia infalível dos poemas ou escritos em prosa.⁷ É para ler segundo a INTERPRETAÇÃO, segundo a ACENTUAÇÃO, segundo a DELIMITAÇÃO – pois da INTERPRETAÇÃO vemos a excelência [do poeta], e da ACENTUAÇÃO, a arte [do leitor], e da DELIMITAÇÃO, o entendimento contido [no que se diz] –, para que leiamos a tragédia de modo heróico, e a comédia ao modo da vida, e o elegíaco de modo lancinante, e a epopéia de modo teso, e a poesia lírica de modo melodioso, e os lamentos de modo rebaixado e gemente.⁸ Pois o que ocorre contrariamente à observância disso, tanto arruína as excelências dos poetas, como torna ridículos os hábitos dos leitores.⁹

3. ACERCA DO TOM

TOM é a ressonância da voz harmoniosa . . . a [ressonância] por DISTENSÃO na [voz] aguda, a [ressonância] por HOMOGENEIDADE na [voz] grave, a [ressonância] por MODULAÇÃO na [voz] circunflexa.

4. ACERCA DO PONTO

Os PONTOS são três: FINAL [= ·], MÉDIO [= .], ponto INFERIOR [=] . . . e o ponto FINAL é o sinal de entendimento ajustado, e o MÉDIO, o sinal empregado por causa da respiração, e o ponto INFERIOR, o sinal de entendimento ainda não ajustado, mas ainda assim carente [de ajuste]. Em que difere o ponto [final] do ponto inferior? Em tempo. Pois no ponto [final] o intervalo é muito, e no ponto inferior, de todo pouco.

5. ACERCA DA RAPSÓDIA¹⁰

RAPSÓDIA é a parte do poema que compreende algum argumento. Foi dita rapsódia [= ῥαψωδία] . . . na medida em que é uma certa “bastódia” [= ῥαβδος] – disso de os que vagam com um bastão [= ῥάβδος] de loureiro[, isto é, os rapsodos,] cantarem [= ῥαψοειν] os poemas de Homero.

6. ACERCA DO ELEMENTO¹¹

As LETRAS são vinte e quatro, do α ao ω. Dizem-se letras [= γράμματα], porém, por isso de se modelarem com traços [= γραμμαί] e raspagens [= ξυσμαί]; pois escrever [= γράψαι] [era o mesmo que] raspar [= ξύσαι] entre os antigos,

como também em Homero: “Agora, porém, por teres-me raspado [= ἐπίγραψας] a planta do pé, gabas-te assim” (*Iliada*, XI, 388). As mesmas [letras], porém, também se chamam ELEMENTOS [= στοιχεῖα], por isso de se manterem em certa linha [= στοιχος] e posição.

[VOGAIS]

Dessas as VOGAIS são sete: α, ε, η, ι, ο, υ, ω. Dizem-se vogais, porém, já que perfazem por si mesmas som vocal.

Das vogais, por sua vez, as LONGAS são duas: η e ω; as BREVES, duas: ε e ο; as DÍCRONAS, três: α, ι, υ. Dizem-se dícronas, porém, porque se alongam e se abreviam.

Vogais PREPOSITIVAS [são] cinco: α, ε, η, ο, ω. Dizem-se prepositivas, porém, já que, prepostas ao ι e υ, perfazem sílaba, por exemplo, αι, αυ. POSPOSITIVAS, duas: ι e υ. Também o υ, porém, é às vezes prepositivo do ι, como em μυῖα “mosca”, ἄρπυια “Harpia”. DITONGOS, por sua vez, são seis: αι, αυ, ει, ευ, οι, ου.

[CONSOANTES]

CONSOANTES, por sua vez, as dezessete restantes: β, γ, δ, ζ, θ, κ, λ, μ, ν, ξ, π, ρ, σ, τ, φ, χ, ψ. Dizem-se . . . consoantes, porém, já que elas mesmas segundo elas mesmas não têm som vocal, compostas porém com as vogais, perfazem som vocal.

Dessas as SEMIVOGAIS são oito: ζ, ξ, ψ, λ, μ, ν, ρ, σ. Dizem-se semivogais, porém, já que, um tanto menos bem-sonantes que as vogais, consistem em murmúrios e também síbilos.

As SEM SOM VOCAL são nove: β, γ, δ, κ, π, τ, θ, φ, χ. Dizem-se sem som vocal, porém, já que, mais que as outras, são malsonantes, assim como dizemos sem voz o tragediógrafo [quando] malsonante. Dessas [sem som vocal] as SIMPLES são três: κ, π, τ; as ROUCAS, três: θ, φ, χ; INTERMEDIÁRIAS entre essas, três: β, γ, δ. Foram ditas intermediárias, porém, já que são mais roucas que as simples, de um lado, e mais simples que as roucas, de outro. E o β é intermediário entre o π e φ, e o γ, intermediário entre o κ e χ, e o δ, intermediário entre o θ e τ. As roucas correspondem, porém, às simples: ao π, o φ, assim:

ἀλλά μοι εἶφ' ὅπη ἔσχεσ' ἰὼν εὐεργέα νῆα (HOMERO, *Odisséia*, IX, 279)

mas diz-me [= μοι εἶφ'] em que parte mantiveste, ao vir, a nau bem trabalhada;

ao κ, o χ, assim:

αὐτίχ' ὁ μὲν χλαῖνάν τε χιτῶνά τε ἔννυτ' Ὀδυσσεύς
(HOMERO, *Odisséia*, V, 229)

Súbito [= αὐτίχ'] ele, Odisseu, vestiu túnica e também manto;

o θ, ao τ, assim:

ᾠς ἔφαθ' ὅι δ' ὄρα πάντες ἀκὴν ἐγένοντο σιωπῇ (HOMERO,
Íliada, III, 95)

Assim disse [= ἔφαθ'], e eles todos entã, em calma, permaneceram em silêncio.

Das consoantes ainda, porém, as DUPLAS são três: ζ, ξ, ψ. Foram ditas duplas, porém, já que cada uma delas se compõe de duas consoantes: o ζ, do ς e δ; o ξ, do κ e ς; o ψ, do π e ς. As INVARIÁVEIS [são] quatro: λ, μ, ν, ρ. Dizem-se invariáveis, porém, já que não variam nos futuros dos verbos nem nas flexões dos nomes. As mesmas [consoantes invariáveis], porém, também se chamam LÍQUIDAS.

[ELEMENTOS FINAIS]

Os ELEMENTOS FINAIS dos nomes masculinos . . . não aumentados no caso reto e singular são cinco: ν, ξ, ρ, ς, ψ, por exemplo, Δίων “Dion”, Φοῖνιξ “Fenice”, Νέστωρ “Néstor”, Πάρις “Páris”, Πέλοψ “Pélope”. Dos femininos, por sua vez, oito: α, η, ω, ν, ξ, ρ, ς, ψ, por exemplo, Μοῦσα “Musa”, Ἑλένη “Hélene”, Κλειώ “Clio”, χελιδών “andorinha”, ἑλιξ “espiral”, μήτηρ “mãe”, Θέτις “Tétide”, λαῖλαψ “ciclone”. Dos neutros, por sua vez, seis: α, ι, ν, ρ, ς, υ, por exemplo, ἄρμα “carro”, μέλι “mel”, δένδρον “árvore”, ὕδωρ “água”, δέπας “cuba”, δόρυ “dardo”. Alguns, porém, arðem também o ο, por exemplo, ἄλλο “outro”.

Dos duais, por sua vez, três: α, ε, ω, por exemplo, Ἀτρείδα “dois Atridas”, Ἔκτορε “dois Héctores”, φίλω “dois amigos”.

Dos plurais, por sua vez, quatro: ι, ς, α, η, por exemplo, φίλοι “amigos”, Ἔκτορες “Héctores”, βιβλία “livros”, βέλη “lanças”.

7. ACERCA DA SÍLABA

SÍLABA [= συλλαβή], de modo próprio, é o conjunto [= σύλληψις] de consoantes com vogal ou vogais, por exemplo, -καρ-, -βουσ-. De modo abusivo, porém, [έ] também aquela [composta] de uma única vogal, por exemplo, -α-, -η-.

8. ACERCA DA SÍLABA LONGA

A SÍLABA LONGA origina-se de oito modos: três POR NATUREZA, cinco POR IMPOSIÇÃO.

É POR NATUREZA, de um lado,

– ou quando se pronunciar por meio de elementos longos, por exemplo, ἥρωσ “herói”;

– ou quando algum dos [elementos] dícronos ela contiver empregado por distensão, por exemplo, ῥ Αρης “Ares”;

– ou quando um dos ditongos ela contiver, por exemplo, Αἶας “Aiante”.

POR IMPOSIÇÃO, de outro lado,

– ou quando terminar em duas consoantes, por exemplo, ἄλς “sal”;

– ou quando a uma vogal breve ou abreviada sobrevierem duas consoantes, por exemplo, ἀγρός “campo”;

– ou quando terminar numa consoante simples e tiver a [sílab] a seguir que principie com consoante, por exemplo, ἔργον “trabalho”;

– ou quando consoante dupla sobrevier [a ela], por exemplo, ἔξω “fora”;

– ou quando terminar . . . [em] consoante dupla, por exemplo, ῥ Αραψ “árabe”.

9. ACERCA DA SÍLABA BREVE

A SÍLABA BREVE origina-se de dois modos:

– ou quando algum dos [elementos] breves por natureza ela contiver, por exemplo, βρέφος “bebê”;

– ou quando algum dos [elementos] dícronos ela contiver empregado por contença, por exemplo, ἄρης “Ares”.

10. ACERCA DA SÍLABA COMUM

A SÍLABA COMUM origina-se de três modos:

– ou quando terminar em vogal longa e tiver a [sílab] a seguir que principie com vogal, por exemplo:

Οὐ τί μοι αἰτίη ἐσσί· θεοί νύ μοι αἰτιοί εἰσιν (HOMERO,
Ilíada, III, 164)
Em nada és culpada para mim; os deuses, pois, são culpados para mim;

– ou quando a uma vogal breve ou abreviada sobrevierem duas consoantes, de que a segunda seja invariável, e a que a antecede em união [com ela] [seja] sem som vocal, por exemplo:

Πάτροκλέ μοι δειλῆ πλειῖστον κεχαρισμένε θυμῶ (HOMERO,
Ilíada, XIX, 287)
Pátroclo, de mim desvalida o mais amado no peito;

– ou quando, sendo breve, se encerra em parte de oração e tiver a [sílab] a seguir que principie com vogal, por exemplo:

Νέστορα δ' οὐκ ἔλαθεν ἰαχὴ πίνοντά περ ἔμπης (HOMERO,
Ilíada, XIV, 1)
A Néstor, porém, não escapou o grito, muito embora a beber.

11. ACERCA DA PALAVRA

PALAVRA é a menor parte da oração [composta] conforme a construção. ORAÇÃO, por sua vez, é a composição de elocução pedestre¹² que denota entendimento completo. As partes da oração, por sua vez, são oito: NOME, VERBO, PARTICÍPIO, ARTIGO, PRONOME, PREPOSIÇÃO, ADVÉRBIO, CONJUNÇÃO – pois a APELAÇÃO sotopõe-se ao nome como espécie [deste].

... PRINCÍPIO DAS OITO PARTES DA ORAÇÃO

12. ACERCA DO NOME

NOME é parte casual da oração que significa corpo ou ato (corpo, por exemplo, λίθος “pedra”; ato, por exemplo, παιδεία “educação”), que se diz de modo comum e também de modo particular (de modo comum, por exemplo, ἄνθρωπος “homem”, ἵππος “cavalo”; de modo particular, por exemplo, Σωκράτης “Sócrates”). Acompanham o nome, por sua vez, [estes] cinco: GÊNEROS, ESPÉCIES, FIGURAS, NÚMEROS, CASOS.

[GÊNEROS]

Os GÊNEROS, pois, são três: MASCULINO, FEMININO, NEUTRO; alguns, porém, arðem dois outros a esses: COMUM e também SOBRECUMUM (COMUM, por exemplo, ἵππος “cavalo”, κύων “cão”; SOBRECUMUM, por exemplo, χελιδών “andorinha”, ἀετός “águia”).

[ESPÉCIES]

As ESPÉCIES, por sua vez, são duas: PRIMITIVA e DERIVADA. PRIMITIVA, pois, é aquela que foi dita segundo a primeira imposição, por exemplo, Γῆ “Terra”; DERIVADA, aquela que tem origem a partir da outra, por exemplo, Γαίῆος “Terreno” (HOMERO, *Odisséia*, VII, 324). As espécies de derivadas, por sua vez, são sete: PATRONÍMICA, POSSESSIVA, COMPARATIVA, SUPERLATIVA, DIMINUTIVA, DENOMINAL, VERBAL.

PATRONÍMICA, pois, é, de modo próprio, aquela formada a partir [do nome] do pai; de modo abusivo, porém, também a partir [do nome] dos antepassados, por exemplo, Πηλείδης “Pelides” [ou] Αἰακίδης “Eácides” [isto é,] Aquileu. Das patronímicas masculinas os modelos, por sua vez, são três: o [modelo] em -δης, o em -ων, o em -αδιος, por exemplo, Ἄτρείδης “Atrides”, Ἄτρείων “Atreion” e o modelo particular dos eólios: Ἰρράδιος “Hirrádio” – pois o filho de Hirra é Pítaco –; das femininas, igualmente, três: o [modelo] em -ις, por exemplo, Πριαμῖς “Priâmide”, e o em -ας, por exemplo, Πελοΐας “Pelíade”, e o em -νη, por exemplo, Ἀδρηστίνη “Adrestine” (HOMERO, *Iliada*, V, 412). A partir [do nome] das mães, porém, não é Homero que forma espécie patronímica, mas os [poetas] mais novos.

POSSESSIVA, por sua vez, é aquela que recai na posse, incluído o possuidor, por exemplo, . . . Νηλήϊοι ἵπποι “cavalos neleios” (HOMERO, *Iliada*, XI, 597), Ἐκτόρεος χιτῶν “manto hectóreo” (HOMERO, *Iliada*, II, 416), Πλατωνικὸν βιβλίον “livro platônico”.

COMPARATIVA, por sua vez, é aquela que contém a comparação de um único com um único congêneres, como “Aquileu [έ] mais corajoso [= ἀνδρειότερος] que Aiante”; ou de um único com muitos heterogêneos, como “Aquileu [έ] mais corajoso [= ἀνδρειότερος] que os troianos”. Os modelos das comparativas, por sua vez, são três: o [modelo] em -τερος, por exemplo, ὀξύτερος “mais rápido”, βραδύτερος “mais lento”, e o em -ων . . . puro, por exemplo, βελτίων “melhor”, καλλίων “mais belo”, e o em -[σσ]ων, por exemplo, κρείσσων “mais forte”, ἥσσων “mais fraco”.

SUPERLATIVA, por sua vez, é aquela empregada de maneira intensiva na comparação de um único com muitos. Os modelos dela, por sua vez, são dois: o [modelo] em -τατος, por exemplo, ὀξύτατος “o mais rápido”, βραδύτατος “o mais lento”, e o em -τος, por exemplo, ὄριστος “o mais excelente”, μέγιστος “o maior”.

DIMINUTIVA, por sua vez, é aquela que denota o apequenamento da primitiva de modo não comparativo, por exemplo, ἀνθρωπίσκος “homenzinho”, λίθαξ “pedrinha”, μαιρακύλλον “jovenzinho”.

DENOMINAL, por sua vez, é aquela que foi feita a partir de nome, por exemplo, Θεών “Teon”, . . . Τρύφων “Trifon”.

VERBAL, por sua vez, é aquela que deriva de verbo, por exemplo, Φιλήμων “Filêmon”, Νοήμων “Noêmon”.

[FIGURAS]

As FIGURAS dos nomes, por sua vez, são três: SIMPLES, COMPOSTA, SOBRECUMPOSTA: SIMPLES, por exemplo, Μέμνων “Mêmnon”; COMPOSTA, por exemplo, Ἀγαμέμνων “Agamêmnon”; SOBRECUMPOSTA, por exemplo, Ἀγαμεμνονίδης “Agamemnonídes” . . . Φιλιππίδης “Filípides”.

Das compostas as diferenças são quatro. Pois umas delas . . . saem de duas [palavras] perfeitas, como Χειρίσοφος “Quirísofo”; outras, de duas incompletas, como Σοφοκλῆς “Sófocles”; outras, de incompleta e perfeita, como Φιλόδημος “Filodemo”; outras, de perfeita e incompleta, como Περικλῆς “Péricles”.

[NÚMEROS]

Os NÚMEROS são três: SINGULAR, DUAL, PLURAL: SINGULAR, ὁ Ὅμηρος “Homero”; DUAL, τῶ Ὁμήρω “dois Homeros”; PLURAL, οἱ Ὁμηροί “Homeros”. Existem, porém, alguns caracteres singulares que também são ditos de muitos (por exemplo, δῆμος “povo”, χορός “coro”, ὄχλος “turba”), e plurais [que] também [são ditos] de singulares e também de duais (de singulares, como Ἄθῆναι “Atenas”, Θῆβαι “Tebas”; de duais, como ἀμφότεροι “ambos”).

[CASOS]

Os CASOS dos nomes são cinco: RETO, GENITIVO, DATIVO, CAUSATIVO, VOCATIVO. O RETO diz-se, porém, nominativo e vertical; o GENITIVO, possessivo e também paterno; o DATIVO, epistolar; o CAUSATIVO . . . segundo causativo; o VOCATIVO, apelativo.

[OUTRAS ESPÉCIES]

Recaem no nome, porém, estes que se denominam também eles ESPÉCIES: PRÓPRIO, APELATIVO, APOSTO, RELATIVO, QUASE-RELATIVO, HOMÔNIMO, SINÔNIMO, . . . DIÔNIMO, EPÔNIMO, ÉTNICO, INTERROGATIVO, INDEFINIDO, REFERENTE (que também se chama ASSIMILATIVO, DEMONSTRATIVO, RECÍPROCO), COLETIVO, PARTITIVO, CONTINENTE, FORJADO, GENÉRICO, . . . PARTICULAR, ORDINAL, NUMERAL, ABSOLUTO, . . . PARTICIPATIVO.

PRÓPRIO, pois, é aquele que significa a substância particular, por exemplo, Ὅμηρος “Homero”, Σωκράτης “Sócrates”.

APELATIVO é aquele que significa a substância comum, por exemplo, ἄνθρωπος “homem”, ἵππος “cavalo”.

APOSTO é aquele que se apõe a [nomes] próprios ou apelativos . . . com homonímia e que denota elogio ou vitupério. Emprega-se de três modos: a partir da alma, a partir do corpo, a partir do que está fora: a partir da alma, como σώφρων “temperante”, ἀκόλαστος “incontinente”; a partir do corpo, como ταχύς “ligeiro”, βραδύς “lento”; a partir do que está fora, como πλούσιος “rico”, πένης “pobre”.

RELATIVO é como πατήρ “pai”, υἱός “filho” φίλος “amigo”, δεξιός “destro”.

QUASE-RELATIVO é como νύξ “noite”, ἡμέρα “dia”, . . . θάνατος “morte”, ζωή “vida”.

HOMÔNIMO é . . . nome que se apõe com homonímia segundo muitos [indivíduos], . . . por exemplo, a [nomes] próprios, como Αἴας ὁ Τελαμώνιος

“Aiante o Telamônio” e Αἴας ὁ Ἰλέως “Aiante o de [O]ileu”; a apelativos, como μῦς θαλάσσιος “rato marinho” e μῦς γηγενής “rato terrestre”.

SINÔNIMO é aquele que denota o mesmo em nomes diferentes, por exemplo, ἄορ “espada”, ξίφος “punhal”, μάχαιρα “cutelo”, σπάθη “espátula”, φάσγανον “sabre”.

FERÔNIMO é aquele que foi imposto a partir de algum incidente, como Τισαμενός “Tisâmeno” e Μεγαπένης “Megapente”.

DIÔNIMO são dois nomes impostos segundo um único [indivíduo] importante (por exemplo, Ἀλέξανδρος “Alexandro”, que também [se diz] Πάρις “Páris”), sem que se inverta o arrazoado; pois, se alguém [se diz] Ἀλέξανδρος “Alexandro”, esse não [se diz] também Πάρις “Páris”.

EPÔNIMO, que também se chama diônimo, é aquele que se diz com outro [nome] próprio acerca de um único [indivíduo], como Ἐνοσίχθων “Enosícton”, [isto é,] Posidon, e Φοῖβος “Febo”, [isto é,] Apolo.

ÉTNICO é aquele denotativo de etnia, como Φρύξ “frígio”, Γαλάτης “gálata”.

INTERROGATIVO, que também se chama INDAGATIVO, é aquele que se diz segundo interrogação, por exemplo, τίς “quem? (subs.) que? (adj.)”, ποῖος “de que qualidade?”, πόσος “de que quantidade?”, πηλίκος “de que idade?”.

INDEFINIDO é o que se diz por oposição ao interrogativo, por exemplo, ὅστις “qualquer que”, ὅποιος “de qualquer qualidade que”, ὅπόσος “de qualquer quantidade que”, ὅπηλίκος “de qualquer idade que”.

REFERENTE, que também se chama ASSIMILATIVO, DEMONSTRATIVO, CORRELATIVO, é aquele que significa semelhança, por exemplo, τοιοῦτος “de tal qualidade”, τοσοῦτος “de tal quantidade”, τηλικούτος “de tal idade”.

COLETIVO é aquele que significa pluralidade com o número singular, por exemplo, δῆμος “povo”, χορός “coro”, ὄχλος “turba”.

PARTITIVO é aquele que, dentre dois ou também mais [indivíduos], contém referência [aos indivíduos] um a um, por exemplo, ἑκάτερος “cada um dos dois”, ἕκαστος “cada um”.

CONTINENTE é aquele que deixa transparecer algo contido nele, por exemplo, δαφνών “loureiral”, παρθενών “donzelaria”.

FORJADO é aquele que foi enunciado de modo imitativo segundo as particularidades dos sons, por exemplo, φλοῖσβος “balbúrdia”, ῥοῖζος “silvo”, . . . ὀρυγμαδός “barulho”.

GENÉRICO é aquele que pode ser dividido em muitas espécies, por exemplo, ζῶον “animal”, φυτόν “planta”.

. . . PARTICULAR é aquele que foi dividido a partir do gênero, por exemplo, βούς “boi”, ἵππος “cavalo”, ἀμπελος “vinha”, ἐλαιία “oliveira”.

ORDINAL é aquele que denota ordem, por exemplo, πρῶτος “primeiro”, δεύτερος “segundo”, τρίτος “terceiro”.

NUMERAL é aquele que significa número, por exemplo, εἷς “um”, δύο “dois”, τρεῖς “três”.

ABSOLUTO é aquele que se entende segundo ele mesmo, por exemplo, θεός “deus”, λόγος “razão”.

. . . PARTICIPATIVO é aquele que participa de alguma substância, por exemplo, πύρινος “ígneo; frumentício”, δρύϊνος “quercino”, ἐλάφινος “cervídeo”.

[DISPOSIÇÕES]

As DISPOSIÇÕES do nome são duas: AÇÃO e PADECIMENTO; AÇÃO, como κριτής “juiz”, [isto é,] aquele que julga; PADECIMENTO, como κριτός “julgado”, [isto é,] aquele que é julgado.

13. ACERCA DO VERBO

VERBO é palavra não casual, capaz de tempos e também de pessoas e números, a qual apresenta ação e padecimento. Acompanham o verbo, por sua vez, [estes] oito: FLEXÕES, DISPOSIÇÕES, ESPÉCIES, FIGURAS, NÚMEROS, PESSOAS, TEMPOS, CONJUGAÇÕES.

[FLEXÕES]

As FLEXÕES, pois, são cinco: DEFINITIVA, IMPERATIVA, VOTIVA, SUBJUNTIVA, INDISTINTA.

[DISPOSIÇÕES]

As DISPOSIÇÕES são três: AÇÃO, PADECIMENTO, MEDIANIA: AÇÃO, por exemplo, τύπτω “percuto”; PADECIMENTO, por exemplo, τύπτομαι “sou percutido”; MEDIANIA, aquela que apresenta ora ação, ora padecimento, por exemplo, πέπηγα “estou fixo”, διέφθορα “estou destruído”, ἐποιησάμην “fiz”, ἔγραψάμην “escrevi”.

[ESPÉCIES]

As ESPÉCIES, por sua vez, [são] duas: PRIMITIVA e DERIVADA: PRIMITIVA, por exemplo, ἄροδω “regó”; DERIVADA, por exemplo, ἄροδεύω “irriego”.

[FIGURAS]

As FIGURAS [são] três: SIMPLES, COMPOSTA, SOBRECUMPOSTA: SIMPLES, por exemplo, φρονῶ “considero”; COMPOSTA, por exemplo, καταφρονῶ “desconsidero”; SOBRECUMPOSTA, por exemplo, ἀντιγονίζω “antigonizo”, φιλιππίζω “filipizo”.

[NÚMEROS]

Os NÚMEROS [são] três: SINGULAR, DUAL, PLURAL: SINGULAR, por exemplo, τύπτω “percuto”; DUAL, por exemplo, τύπτετον “vós dois percutis / eles dois percutem”; PLURAL, por exemplo, τύπτομεν “percutimos”.

[PESSOAS]

As PESSOAS [são] três: PRIMEIRA, SEGUNDA, TERCEIRA: PRIMEIRA, aquela de que [provém] o discurso; SEGUNDA, aquela a que [se dirige] o discurso; TERCEIRA, aquela acerca de que [fala] o discurso.

[TEMPOS]

Os TEMPOS [são] três: PRESENTE, PRETÉRITO, FUTURO. Dessas o PRETÉRITO tem quatro diferenças: o EXTENSIVO, o ADJACENTE, o MAIS-QUE-PERFEITO, o INDEFINIDO, de que as congenialidades [são] três: do presente ao extensivo, do adjacente ao mais-que-perfeito, do indefinido ao futuro.

14. ACERCA DA CONJUGAÇÃO

CONJUGAÇÃO é flexão de verbos conseqüente.

São as conjugações de VERBOS GRAVES seis, de que

– a primeira se pronuncia por meio do β ou . . . φ ou π ou πτ, por exemplo, λείβω “libo”, . . . γράφω “escrevo”, τέρπω “enterneço”, κόπτω “golpeio”;

- a segunda, por meio do γ ou κ ou χ ou κτ, por exemplo, λέγω “deito-me; colho; falo”, πλέκω “entrelaço”, τρέχω “corro”, τίκτω “engendro”;
- a terceira, por meio do δ ou θ ou τ, por exemplo, ᾄδω “canto”, πλήθω “encho”, ἀνύτω “executo”;
- a quarta, por meio do ζ ou dos dois σσ, por exemplo, φράζω “enuncio”, . . . νύσσω “bato”, ὀρύσσω “escavo”;
- a quinta, por meio das quatro invariáveis: λ, μ, ν, ρ, por exemplo, πάλλω “agito”, νέμω “distribuo”, κρίνω “discrimino”, σπείρω “semeio”;
- a sexta, por meio do ω puro, por exemplo, ἵππεύω “cavalgo”, πλέω “navego”, . . . βασιλεύω “reino”.

Alguns, porém, também introduzem uma sétima conjugação, [pronunciada] por meio do ξ e ψ, por exemplo, ἀλέξω “protejo”, ἔψω “fervo”.

Dos VERBOS CIRCUNFLEXOS, por sua vez, as conjugações são três, de que

- a primeira se pronuncia na segunda e terceira pessoa por meio do ditongo ει, por exemplo, νοῶ νοεῖς νοεῖ “entendo, entendes, entende”;
- a segunda, por meio do ditongo α, com o ι escrito ao lado, mas não pronunciado junto, por exemplo, βοῶ βοᾷς βοᾷ “berro, berras, berra”;
- a terceira, por meio do ditongo οι, por exemplo, χρυσῶ χρυσοῖς χρυσοῖ “douro, douras, doura”.

Dos VERBOS QUE TERMINAM EM μι, por sua vez, as conjugações são quatro, de que

- a primeira . . . se pronuncia a partir da primeira dos [verbos] circunflexos, como a partir de τιθῶ se origina τίθημι “ponho”;
- a segunda, a partir da segunda, como a partir de ἵστῶ se origina ἵστημι “assento”;
- a terceira, a partir da terceira, como a partir de διδῶ se origina δίδωμι “dou”;

– a quarta, a partir da sexta dos [verbos] graves, como a partir de $\pi\eta\gamma\nu\acute{\omega}$ se origina $\pi\acute{\eta}\gamma\nu\mu\iota$ “fixo”.

15. ACERCA DO PARTICÍPIO

PARTICÍPIO é palavra que participa da particularidade dos verbos e da dos nomes. Acompanham-no, por sua vez, os mesmos que [acompanham] tanto o nome como o verbo – com PESSOAS e também FLEXÕES à parte –.

16. ACERCA DO ARTIGO

ARTIGO é parte de oração casual, anteposto . . . e posposto à flexão dos nomes. É ANTEPOSITIVO o $\acute{\omicron}$ “o”; POSPOSITIVO, o $\acute{\omicron}\varsigma$ “que”. Acompanham-no, por sua vez, [estes] três: GÊNEROS, NÚMEROS, CASOS.

[GÊNEROS]

Os GÊNEROS, pois, são três: $\acute{\omicron}$ ποιητής “o poeta”, $\acute{\eta}$ ποίησις “a poesia”, $\tau\acute{\omicron}$ ποίημα “o poema”.

[NÚMEROS]

Os NÚMEROS [são] três: . . . SINGULAR, DUAL, PLURAL: SINGULAR, $\acute{\omicron}$ $\acute{\eta}$ $\tau\acute{\omicron}$ “o, a, -”; DUAL, $\tau\acute{\omega}$ $\tau\acute{\alpha}$ “os dois/as duas, -” . . . ; PLURAL, $\acute{\omicron}\iota$ $\acute{\alpha}\iota$ $\tau\acute{\alpha}$ “os, as, -”.

[CASOS]

Os CASOS, por sua vez, $\acute{\omicron}$ $\tau\omicron\upsilon$ $\tau\acute{\omega}$ $\tau\acute{\omicron}\nu$ $\acute{\omega}$ “o [= nom.], do [= gen.], ao [= dat.], o [= ac.], $\acute{\omicron}$ [= voc.]”, . . . $\acute{\eta}$ $\tau\acute{\eta}\varsigma$ $\tau\acute{\eta}$ $\tau\acute{\eta}\nu$ $\acute{\omega}$ “a [= nom.], da [= gen.], à [= dat.], a [= ac.], $\acute{\omicron}$ [= voc.]”.

17. ACERCA DO PRONOME

PRONOME é palavra empregada em lugar de nome, denotativa de pessoas definidas. Acompanham o pronome, por sua vez, [estes] seis: PESSOAS, GÊNEROS, NÚMEROS, CASOS, FIGURAS, ESPÉCIES.

[PESSOAS]

PESSOAS de [pronomes] PRIMITIVOS: ἐγώ σύ ἴ “eu, tu, ele/ela”; de DERIVADOS: ἐμός σός ὄς “meu, teu, seu”.

[GÊNEROS]

Os GÊNEROS dos PRIMITIVOS não são discernidos por meio do som vocal, mas por meio da indicação [feita] por eles, por exemplo, ἐγώ “eu”; dos DERIVADOS, por exemplo, ὁ ἐμός, ἡ ἐμή, τὸ ἐμόν “o meu, a minha, -”.

[NÚMEROS]

NÚMEROS de PRIMITIVOS: SINGULAR, ἐγώ σύ ἴ “eu, tu, ele/ela”; DUAL, νῶϊ σφῶϊ “nós dois, vós dois”; PLURAL, ἡμεῖς ὑμεῖς σφεῖς “nós, vós, eles/elas”; de DERIVADOS: SINGULAR, ἐμός σός ὄς “meu, teu, seu”; DUAL, ἐμῶ σῶ ὦ “meus dois, teus dois, seus dois”; PLURAL, ἐμοί σοί οἱ “meus, teus, seus”.

[CASOS]

CASOS de PRIMITIVOS: de [caso] RETO, ἐγώ σύ ἴ “eu, tu, ele/ela”; de GENITIVO, ἐμοῦ σοῦ οῦ “de mim, de ti, dele”; de DATIVO, ἐμοί σοί οἱ “a mim, a ti, a ele”; de CAUSATIVO, ἐμέ σέ ἔ “me, te, o”; de VOCATIVO, σύ “tu”; de DERIVADOS: [de caso RETO,] ἐμός σός ὄς “meu, teu, seu”; de GENITIVO, ἐμοῦ σοῦ οῦ “do meu, do teu, do seu”; de DATIVO, ἐμῶ σῶ ὦ “ao meu, ao teu, ao seu”; de CAUSATIVO, ἐμόν σόν ὄν “meu, teu, seu”.

[FIGURAS]

FIGURAS, duas: SIMPLES, COMPOSTA: SIMPLES, por exemplo, ἐμοῦ σοῦ οῦ “do meu, do teu, do seu”; COMPOSTA, ἐμαυτοῦ σαυτοῦ αὐτοῦ “do meu próprio, do teu próprio, do seu próprio”.

[ESPÉCIES]

ESPÉCIES, porque uns [pronomes] são PRIMITIVOS, como ἐγώ σύ ἴ “eu, tu, ele/ela”; outros, DERIVADOS, como todos os POSSESSIVOS, que também se chamam BIPESSOAIS. Derivam-se assim: dos [pronomes] SINGULARES, os que denotam um

único possuidor, como de ἐμοῦ “de mim” [se deriva] [o pronome] ἐμός “meu”; dos DUAIS, os que [denotam] dois [possuidores], como de νῶϊ “nós dois”, [o pronome] νωϊτερος “de nós dois”; dos PLURAIS, os que [denotam] muitos [possuidores], como de ἡμεῖς “nós”, [o pronome] ἡμέτερος “nosso”.

[CONSTRUÇÃO]

Dos PRONOMES, uns são SEM ARTIGO; outros, COM ARTIGO: SEM ARTIGO, por exemplo, ἐγώ “eu”; COM ARTIGO, por exemplo, ὁ ἐμός “o meu”.

18. ACERCA DA PREPOSIÇÃO

PREPOSIÇÃO é palavra que se prepõe a todas as partes da oração, tanto na COMPOSIÇÃO como na CONSTRUÇÃO.

As PREPOSIÇÕES todas são dezoito, de que seis [são] MONOSSÍLABAS: ἐν, εἰς, ἐξ, σύν, πρό, πρόσ, as quais não se invertem; doze, DISSÍLABAS: ἀνά, κατά, διά, μετά, παρά, ἀντί, ἐπί, περί, ἀμφί, ἀπό, ὑπό, ὑπέρ.

19. ACERCA DO ADVÉRBIO

ADVÉRBIO é parte de oração indeclinável, a qual é DITA ACERCA DO VERBO OU É ADICIONADA AO VERBO.

Dos ADVÉRBIOS, por sua vez, uns são SIMPLES, outros COMPOSTOS: SIMPLES, como πάλαι “antes”; COMPOSTOS, como πρόπαλαι “dantes”.

Os [advérbios] denotativos de TEMPO, por exemplo, νῦν “agora”, τότε “então”, ἀϋθις “novamente”. A esses, porém, é para subordinar como espécies os apresentadores de MOMENTO, por exemplo, σήμερον “hoje”, αὔριον “amanhã”, τόφρα “entretantes”, τέως “entretanto”, πηνίκα “quando?”.

Os de MEDIANIA, por exemplo, καλῶς “bem”, σοφῶς “sabidamente”.

Os de QUALIDADE, por exemplo, πύξ “com o punho”, λάξ “com o calcanhar”, βοτρυδόν (Homero, *Iliada*, II, 89) “em cacho”, ἀγεληδόν (Homero, *Iliada*, XVI, 160) “em rebanho”.

Os de QUANTIDADE, por exemplo, πολλάκις “muitas vezes”, ὀλιγάκις “poucas vezes”.

Os DENOTATIVOS de número, por exemplo, δῖς “duas vezes”, τρίς “três vezes” τετράκις “quatro vezes”.

Os TÓPICOS, por exemplo, ἄνω “em cima”, κάτω “embaixo”, de que as configurações são três: a do lugar ONDE, a do lugar PARA ONDE, a do lugar DE ONDE, por exemplo, οἴκοι “em casa”, οἴκαδε “para casa”, οἴκοθεν “de casa”.

Os significadores de VOTO, por exemplo, εἶθε “e se!”, αἶθε “e se!”, ἄβαλε “oxalá!”.

Os LASTIMOSOS, por exemplo, παπαῖ “ai!”, ἰού “ui!”, φεῦ “oh!”.

Os de REJEIÇÃO ou NEGAÇÃO, por exemplo, οὐ “não”, οὐχί “não”, οὐδῆτα “não ... mesmo”, οὐδαμῶς “de modo nenhum”.

Os de ANUÊNCIA, por exemplo, ναί “sim”, ναίχι “sim, sim”.

Os de INTERDIÇÃO, por exemplo, μή “que não”, μηδῆτα “que não ... mesmo”, μηδαμῶς “que de modo nenhum”

Os de PARALELO ou ASSEMBLHAÇÃO, por exemplo, ὡς “como”, ὥσπερ “assim como”, ἡῦτε “qual”, καθάπερ “bem como”.

Os admirativos, por exemplo, βαβαῖ “ah!”.

Os de VEROSSIMILHANÇA, por exemplo, ἴσως “aparentemente”, τάχα “talvez”, τυχόν “acaso”.

Os de ORDEM, por exemplo, ἐξῆς “seguidamente”, ἐφεξῆς “seqüencialmente”, χωρίς “à parte”.

Os de AGRUPAMENTO, por exemplo, ἄρδην “de alto a baixo”, ἅμα “simultaneamente”, ἥλιθα “de chofre”.

Os de INCITAÇÃO, por exemplo, εἶα “eia!”, ἄγε “avante!”, φέρε “vai!”.

Os de COMPARAÇÃO, por exemplo, μᾶλλον “mais”, ἥττον “menos”.

Os de INTERROGAÇÃO, por exemplo, πόθεν “de onde?”, πηνίκα “quando?”, πῶς “como?”.

Os de INTENSIDADE, por exemplo, λίαν “sobremodo”, σφόδρα “deveras”, πανύ “totalmente”, ἄγαν “demasiado”, μάλιστα “maximamente”.

. . . Os de COMPREENSÃO, por exemplo, ἅμα “simultaneamente”, ὁμοῦ “simultaneamente”, ἅμυδις “simultaneamente”.

Os de JURAMENTO NEGATIVO, por exemplo, μά “não, por...!”.

Os de JURAMENTO AFIRMATIVO, por exemplo, νή “sim, por...!”.

Os de AFIRMAÇÃO, por exemplo, δηλαδή “claro”.

Os IMPOSITIVOS, por exemplo, γαμητέον “[é] para casar”, πλευστέον “[é] para navegar”.

Os de INSPIRAÇÃO, por exemplo, εὐοί “evoé!”, εὐάων “evoé!”.

20. ACERCA DA CONJUNÇÃO

CONJUNÇÃO é palavra que conjunta o entendimento por meio de ordem e que denota o intervalo [entre os segmentos] da expressão.

Das CONJUNÇÕES, por sua vez, umas são COPULATIVAS, outras DISJUNTIVAS, outras CONECTIVAS, outras SUBCONECTIVAS, outras CAUSAIS, outras . . . DUBITATIVAS, outras RACIOCINATIVAS, outras EXPLETIVAS.

COPULATIVAS, pois, são quantas conjuntam a expressão que se profere ao infinito; são estas: μέν “por um lado”, δέ “por outro lado”, τέ “e”, καί “e”, ἀλλά “mas”, ἡμέν “ou ainda”, ἡδέ “ou ainda”, ἰδέ “ou ainda”, ὁτιάρ “todavia”, αὐτιάρ “todavia”, ἦτοι “ou bem”, κέν “tomara que”, ἄν “tomara que”.

DISJUNTIVAS são quantas, por um lado, sobreconjuntam a frase e, por outro lado, distinguem uma ação de outra; são estas: ἢ “ou”, ἦτοι “ou bem”, ἦέ “ou bem”.

CONNECTIVAS são quantas, por um lado, não denotam existência e, por outro lado, significam consecução; são estas: εἶ “se”, εἶπερ “se de fato”, εἶδή “se de fato”, εἶδήπερ “se de fato”.

SUBCONECTIVAS são quantas com a existência denotam também a ordem; são estas: ἐπεί “já que”, ἐπείπερ “já que de fato”, ἐπειδή “já que de fato”, ἐπειδήπερ “já que de fato”.

CAUSAIS são quantas se empregam em razão . . . para apresentação da causa; são estas: ἵνα “para que”, ὄφρα “a fim de que”, ὅπως “de modo que”, ἔνεκα “pois que”, οὐνεκα “pois que”, διό “porque”, διότι “por isso que”, καθ’ ὅ “na medida em que”, καθ’ ὅτι “na medida em que”, καθ’ ὅσον “porquanto”.

DUBITATIVAS são quantas . . . , ao duvidarem, costumam conjuntar; são estas: ἄρα “acaso?”, κἄτα “e então?”, μῶν “não é que?”.

RACIOCINATIVAS são quantas propendem bem às inferências e também conclusões das demonstrações; são estas: ἄρα “portanto”, ἀλλά “mas”, ἀλλαμήν “mas”, τοίνυν “logo”, τοιγάρτοι “... , pois, ...”, τοιγαροῦν “... , pois, ...”.

EXPLETIVAS são quantas se empregam em razão do metro ou ornato; são estas: δή, ῥά, νύ, ποῦ, τοί, θήν, ἄρ, δῆτα, πέρ, πῶ, μήν, ἄν, αὖ, νῦν, οὖν, κέν, γέ.

Alguns, porém, apõem também as [conjunções] OPOSITIVAS, por exemplo, ἔμπης “contudo”, ὅμως “ainda assim”.

Notas

1 Antes de tudo, Dionísio define gramática sem restringi-la aos “poetas”, mas estendendo-a aos “prosadores” (cf. p. 5, l. 2: *parà poietaís te kai syggraphheúsin*). Logo a seguir, porém, diz que a segunda parte da gramática é a explicação “com relação aos tropos poéticos” (cf. p. 5, l. 5: *katà toús [...] poietikòus trópous*), e a sexta, o “julgamento dos poemas” (cf. p. 6, l. 2: *krísis poiemáton*), de maneira que nelas parece incluir a poesia, mas delas excluir a prosa:

– quanto à segunda parte, pode-se admitir que os “tropos poéticos” estejam presentes não só nos poetas, mas também nos prosadores; pois assim muitos julgaram, por exemplo, da prosa de Górgias. De fato, Aristóteles explica por que a “elocução” de Górgias foi “poética” (cf. frg. DK A 29: *poietikè [...] léxis*), e, na esteira daquele, Timeio teria dito que foi graças a Górgias que o “fraseado poético e também trópico” alcançou os oradores de Atenas (cf. frg. DK A 4: *he poietikè te kai tropikè phrásis*), e Siriano, que Górgias transferiu a “expressão poética” aos discursos civis, isto é, à prosa oratória (cf. frg. DK A 29: *tèn poietikèn hermeneían*). Filóstrato, por sua vez, diz tão-só que Górgias se envolvia em “palavras poéticas” (cf. frg. DK A 1: *kai poietikà onómata*), e Dionísio de Halicarnasso compara Isócrates com Górgias, julgando aquele superior a este no “aparato poético” (cf. frg. DK A 32: *tèn [...] poietikèn kataskeuèn*);

– quanto à sexta parte da gramática, porém, não há que dizer, pois Dionísio simplesmente parece restringi-la ao exame dos poemas. Não por acaso, pois, senão por advertir certa incoerência entre esta parte e a definição da arte gramatical, o copista do ms. B acrescentou àquela a expressão: *è syggrammáton*, pretendendo emendá-la assim: *krísis poiemáton <è syggrammáton>* “o julgamento dos poemas ou escritos em prosa”. Na verdade, assim pretende harmonizar o fim com o início do primeiro capítulo, antecipando lá a expressão que se lê duas linhas mais abaixo, no início do capítulo seguinte, em que Dionísio diz que a leitura é a pronúncia infalível “dos poemas ou escritos em prosa” (cf. p. 6, l. 5: *poiemáton è syggrammáton*).

2 Os ESCÓLIOS todos concordam com isso de se estender a gramática a *poietai* “poetas” e também a *syggraphheís* “prosadores”. Assim, uns dizem que a gramática é capaz de discriminar “toda voz grega, metrificada e também pedestre” (Proleg. Voss. D. Thr. p. 3, l. 15-6; cf. l. 16: *páses Hellenikês phonês emmétrou te kai pezês*); outros, que a gramática respeita ao que se lê nos “poetas” e também nos “discursadores”, isto é, nos “que falam de modo pedestre” (Sch. Vat. p. 119, l. 38: “*parà poietaís te kai logeúsi*”: *logeís de hoi pezológoi*; cf. p. 121, l. 8-9. 20-1). Em particular, uns e outros distinguem as espécies de prosadores. Assim, uns simplesmente nomeiam estas, dizendo que *syggraphheís* “prosadores” equivale a *pezológoi* “discursadores pedestres”, e que destes, por sua vez, uns são *rhétores* “oradores”, e outros, *syggraphheís* “prosadores”, e outros, *historikói* “historiadores” (Sch. Lond. D. Thr. p. 448, l. 32 - p. 449, l. 3). Outros, ademais, explicam a distinção. Assim, uns dizem que *syggraphheís* “prosado-

res” são propriamente os que escrevem sobre o que aconteceu no seu tempo, e por extensão todos os que escrevem com fraseado pedestre, isto é, sem metro (Comm. Melamp. D. Thr. p. 11, l. 4-8; cf. 301, 5-6); outros, que *syggraphheús* “prosador” não é o que discursa ao modo da fala, mas que o nome de *syggraphheús* “prosador” se dá especificamente ao que escreve acerca do que aconteceu no seu tempo, e o de *rhétor* “orador”, ao que escreve acerca das coisas civis (Sch. Vat. D. Thr. p. 166, l. 13-20); outros, que a gramática é útil não só a *poietaí* “poetas” e *syggraphheús* “prosadores”, mas também a *rhétores* “oradores” e *historiográphoi* “historiógrafos”, porque *syggraphheús* “prosador” é o que escreve acerca do que aconteceu no seu tempo, p. ex., Tucídides, e *historiográphos* “historiógrafo”, o que escreve acerca do que aconteceu antes do seu tempo, p. ex., Heródoto, e *rhétor* “orador”, o que se ocupa com questões civis, p. ex., Demóstenes (Sch. Vat. D. Thr. p. 167, l. 26 - p. 168, l. 13; cf. Sch. Marc. D. Thr. p. 300, l. 34 - p. 301, l. 4).

3 Dos ESCÓLIOS, uns admitem que o gramático seja encarregado de explicar também os escritos filosóficos e os oratórios e toda a escrita prosaica; mas ressaltam-no do encargo de explicar segundo a maneira de expor da arte oratória, ou ainda, distinguindo os dogmas filosóficos, e reservam-lhe o encargo de explicar segundo os tropos “que se harmonizam maximamente com os poetas” – e “maximamente com os poetas”, porque os oradores usam de um ou dois tropos, e os poetas, de todos – (Sch. Lond. D. Thr. p. 455, l. 22 - p. 456, l. 22; cf. Comm. Melamp. D. Thr. p. 13, l. 19-20; p. 14, l. 1-12). Outros, porém, dizem que os tropos poéticos são estranhos à oratória, porque a virtude da oratória é a clareza, e os tropos trazem consigo falta de clareza (Sch. Marc. D. Thr. p. 302, l. 18-9).

4 Quanto ao objeto do julgamento, os ESCÓLIOS dizem tão-só que são os “escritos no metro”, isto é, os “poemas” (Comm. Melamp. D. Thr. p. 15, l. 26-7: *tà emmétrous gegramména, toutésti tà poiémata*). Quanto à natureza do julgamento, advertem de que o gramático discrimina os poemas para julgar, não se são belos ou feios, mas se são do mesmo poeta ou não (Sch. Vat. D. Thr. p. 170, l. 2-5; cf. Sch. Marc. D. Thr. p. 303, l. 31 - p. 304, l. 17); ou ainda, para julgar, não se são bem escritos ou não, mas se são autênticos ou espúrios (Sch. Lond. D. Thr. p. 471, l. 34-5); em outras palavras, a natureza do julgamento é, não poética, mas ecdótica. Ilustram os escritos espúrios, ademais, com poemas vários, a saber: com a atribuição das *Cíprias* e do *Margites* a Homero, do *Escudo* a Hesíodo, da *Antígone* a Sófocles, das *Sacrificais* e do *Acerca das aves* a Arato, das *Bestiais* a Nicandro (Sch. Lond. D. Thr. p. 471, l. 35; cf. Proleg. Voss. D. Thr. p. 3, l. 31 - p. 4, l. 3; Sch. Vat. D. Thr. p. 124, l. 3-14; p. 160, l. 24 - p. 161, l. 8 ; Comm. Byz. D. Thr. p. 568, l. 26-31), mas não com escritos em prosa. De maneira que restringem o julgamento ecdótico do gramático às composições dos poetas, mas não o estendem às dos prosadores. Isso, porém, chama a atenção, uma vez que sabem que também estes podem ser autênticos ou espúrios. De fato, uns referem o parecer daqueles que pretendem que seja espúrio um escrito em prosa, o qual aliás não é outro senão a própria *Arte*

atribuída a Dionísio da Trácia (Sch. Vat. D. Thr. p. 124, l. 3-14; p. 160, l. 24 - p. 161, l. 8)..., e outros recomendam empregar o conhecimento preciso dos poemas no reconhecimento dos livros da Igreja, a fim de não aceitar livros falsos, os quais ilustram com a atribuição de um *Evangelho* a Tomás, de um *Apocalipse* a Paulo, e de outro a João (Comm. Byz. D. Thr. p. 568, l. 14-31).

5 Arroladas as seis partes da gramática (cap. 1), Dionísio passa imediatamente à exposição da primeira parte, isto é, da leitura (cap. 2-4), mas depois nada diz acerca das outras. Os ESCÓLIOS tentam justificar a lacuna alegando que o escopo de Dionísio é propedêutico (cf. n. 10, 11). Assim, uns dizem simplesmente que este é a iniciação dos jovens na primeira parte da gramática (Sch. Lond. D. Thr. p. 478, l. 1-2). Outros, primeiro, acusam a lacuna e, daí, tentam justificá-la. Assim, uns notam que Dionísio fez discurso unicamente sobre a leitura, e não discorreu sobre as outras partes da gramática; daí, advertem de que o escopo dele era escrever para iniciantes, a ponderarem que os iniciantes devem ser mantidos longe dos ensinamentos difíceis, e as outras partes da gramática demandam muita minúcia (Sch. Vat. D. Thr. p. 171, l. 19-26). Outros perguntam por que, sendo seis as partes da gramática, Dionísio preceituou unicamente a primeira; daí, aventam duas razões: ou foi porque as partes restantes estão contidas na leitura, ou foi porque, por redigir uma introdução à gramática, Dionísio foi instado por aquela parte, que é habitual aos iniciantes (Sch. Lond. D. Thr. p. 472, l. 37 - p. 473, l. 6).

6 Que a definição específica de leitura, primeira parte da gramática, compreenda “poemas” e também “escritos em prosa” (cf. p. 6, l. 5: *poimáton* è *syggrammáton*), está de acordo com a definição geral de gramática, que é a perícia no que se diz “nos poetas e também nos prosadores” (cf. p. 5, l. 2: *parà poietáis te kai syggraphéusin*). Porém, logo após, Dionísio ilustra os modos de ler apenas com a leitura de gêneros poéticos, a saber: de tragédia, comédia, elegia, epopéia, lírica, e daí remata o capítulo dizendo que a má leitura tanto arruína as excelências dos “poetas” (cf. p. 6, l. 22: *tôn poietôn*), como torna ridículos os hábitos dos leitores, de maneira que estabelece um vínculo entre leitura e poetas, mas não entre aquela e prosadores:

– quanto aos modos de ler, pode-se admitir que os lamentos se encontrem em qualquer gênero de poesia e também de prosa, de maneira que não se restrinjam àquela, mas se estendam a esta. De fato, quanto à tragédia, na *Ifigênia entre os tauros*, Orestes chama *oiktos* “lamento” a deploração do Coro (cf. Eur. *Iph. Taur.* 644-6: *katolophýromai* [...] *oiktos*), e, quanto à epopéia, na *República*, Sócrates acusa Homero de fazer homens afamados proferir “lamentos” (cf. Plat. *Rsp.* III 387 d: *toûs oiktous*), em particular, Aquiles e Príamo (Plat. *Rsp.* III 387 c - 388 b). Quanto à prosa, por sua vez, Dinarco chama de *oiktoi* “lamentos” o discurso de Demóstenes (cf. Dinarch. *Dem.* 92: *toûs oiktous*), e Dionísio de Halicarnasso diz de um passo da *Filípica III* que é oportuno pronunciá-lo com “lamento” (cf. DH *Dem.* 54, 4: *oiktou*). Porém, se essa suposição desfaz a discrepância entre a lição sobre os modos de ler e

a definição de leitura, não desfaz todavia outra, entre o sexto modo, isto é, o modo de ler os lamentos, e os cinco anteriores. Pois, ao passo que estes correspondem claramente a gêneros poéticos, a saber: à tragédia, comédia, elegia, epopéia, lírica, aquele todavia não corresponde a nenhum gênero de poesia preciso, nem tampouco de prosa, mas estende-se, como se disse, a qualquer gênero;

– quanto ao remate do capítulo, porém, não há que dizer, pois Dionísio parece simplesmente restringir-se aos efeitos da leitura sobre as excelências dos poetas. Não por acaso, o mesmo copista do ms. B que antes adverte a incoerência entre a sexta parte da gramática, restrita aos poemas, e a definição de gramática, extensiva aos prosadores (cf. n. 1), parece agora notar a incoerência entre o fim do segundo capítulo, restrito aos poetas, e o início, extensivo aos escritos em prosa, porque omite toda a expressão: *kai tās tōn poiētōn aretās* { *kai tās tōn poiētōn aretās* } *katarriptē kai tās hēxeis tōn toūton ginōmena paratēresin* { *kai tās tōn poiētōn aretās* } *katarriptē kai tās hēxeis tōn anaginoskōnton katagelástous paristesin* “pois o que ocorre contrariamente à observância disso arruína os hábitos dos leitores e torna[-os] ridículos”.

7 Acerca da discrepância entre a definição de leitura, que se estende aos escritos em prosa, e os modos de ler, que se restringem aos poemas, os ESCÓLIOS, o mais das vezes, nada dizem. Assim, uns atentam para a conjunção disjuntiva é “ou” empregada na definição, dizendo que ela lá está pela aditiva *kai* “e”, uma vez que se trata da pronúncia dos poemas “e” escritos em prosa, e não de uns “ou” outros (Sch. Marc. D. Thr. p. 305, l. 20-3); outros, por sua vez, resumem a exposição dos modos de ler, dizendo que Dionísio falou do modo de interpretar cada poema (Comm. Melamp. D. Thr. p. 22, l. 1-2. 11); como se disse, porém, nem uns nem outros notam a discrepância entre estes modos de ler e aquela definição de leitura. Uma vez, porém, a incoerência é acusada pelos escólios de Londres. Estes, de um lado, notam que a conjunção é “ou” é empregada na definição de leitura em lugar da conjunção *kai* “e”, porque uma coisa é o poema, e outra o escrito em prosa – aquele, dos poetas, e este, dos discursadores pedestres – (Sch. Lond. D. Thr. p. 473, l. 25-32); de outro lado, perguntam por que, tendo-se proposto preceituar a leitura, Dionísio não preceituou o modo de reconhecer os escritos em prosa, e respondem que o escopo daquele era preceituar a leitura adequada à gramática, e que a leitura dos escritos em prosa é adequada à oratória (Sch. Lond. D. Thr. p. 477, l. 33-8). No entanto, bem que notem a incoerência, a justificativa que oferecem vai de encontro à definição de leitura dada por Dionísio.

8 A discrepância entre o sexto modo de ler e os anteriores é notada pelos ESCÓLIOS, que tentam resolvê-la de modo vário. Nos comentários atribuídos a Melâmpode ou Diomedes, os *oíktoi* “lamentos” são equiparados aos *thrēnoi* “trenos”, e ambos são considerados *poiēmata* “poemas” (Comm. Melamp. D. Thr. p. 21, l. 22-9). Se, porém, se considera que, nos escólios de Londres, o *thrēnos* é discriminado entre os gêneros de poesia (Sch. Lond. D. Thr. p. 451, l. 24-5), pode-se concluir

que, naqueles comentários, os *oíktoi* são identificados com o gênero específico do *thrênos*. Essa identificação, porém, não é consenso dos ESCÓLIOS. Os escólios do Vaticano e os de Veneza, ao contrário, advertem de que os *oíktoi* não se encontram num metro definido, mas em todo discurso e poema (Sch. Marc. D. Thr. p. 308, l. 20-5), ou ainda, que o *oíktos* não é ele mesmo um gênero de poesia, mas se encontra em todo gênero de poesia: nos líricos, nos elegiógrafos e igualmente nos escritores de epopéia (Sch. Vat. D. Thr. p. 174, l. 5-10; cf. Sch. Marc. D. Thr. p. 308, l. 26-7). É possível, porém, que os comentários de Melâmpode ou Diomedes empreguem o termo *thrênos*, não por um gênero de poesia, mas por uma ocasião de recitação, isto é, não pelo gênero da trenodia, mas pela ocasião fúnebre; pois, pouco antes de equiparar *oíktos* a *thrênos*, já o equiparam a *elegeíon*, de maneira que o *oíktos* não se confunde necessariamente com um gênero específico, mas pode ocorrer em qualquer gênero. De fato, dizem que, no metro elegíaco, muitos poetas escreveram os chamados *epikédeia* “epicédios”, a fim de rememorar as belas ações de quem morreu, e daí descobrem a etimologia do termo *elegeíu*, dizendo que este vem de *élegos*, que revela *thrênos*, e que *élegos*, por sua vez, vem de *é légein* “dizer ‘ai!’” (Comm. Melamp. D. Thr. p. 20, l. 22 - p. 21, l. 2). Essa lição sobre a elegia, ou melhor, sobre a matéria do canto e a etimologia do termo, é corrente nos ESCÓLIOS, que igualam o termo *élegoi* à palavra *thrênói*, senão à expressão *thrênos epitháphios* (Sch. Vat. D. Thr. p. 173, l. 5-13; Sch. Marc. D. Thr. p. 307, l. 8-13. 19-29; Comm. Byz. D. Thr. p. 569, l. 34-5). Daí, que, equiparados a *thrênos*, os termos *oíktos* e *elegeíon* se equiparem, ademais, um ao outro, não é de espantar. É o que se lê nos escólios de Londres, que dizem simplesmente que *oíktos* e *elegeíon* são o mesmo. Mais uma vez, porém, essa equiparação não é de gênero, mas de matéria. Pois os mesmos escólios censuram alguns que tomam o *oíktos* por um gênero de metro, quando este, ao contrário, se encontra não só na mélica, na elegia e em todo metro, mas também nos oradores; daí, explicam a lição de Dionísio, dizendo que os *threnóde* devem ser proferidos a seu modo, seja como for que tenham sido escritos, isto é, seja em que metro for que tenham sido compostos (Sch. Lond. D. Thr. p. 477, l. 4-15).

9 Distinguidos por Dionísio os três aspectos que devem ser observados na leitura, a saber: *hypókrisis* “interpretação”, *prosoidía* “acentuação”, *diastolé* “delimitação”, os ESCÓLIOS, de um lado, identificam com *hypókrisis* os modos de ler, que são expostos já no segundo capítulo, e, de outro lado, identificam com *prosoidía* e *diastolé*, respectivamente, *tónos* “tom” e *stigmé* “ponto”, que são expostos nos capítulos seguintes (Comm. Melamp. D. Thr. p. 16, l. 11 - p. 17, l. 3. 14-6; p. 22, l. 15-6; p. 24, l. 9-11; Sch. Vat. D. Thr. P. 172, l. 9-16; Sch. Marc. D. Thr. p. 305, l. 26-35; p. 308, l. 30-6; p. 312, l. 27; Sch. Lond. D. Thr. p. 459, l. 9; p. 474, l. 9; p. 478, l. 1-8). Assim, na verdade, explicam não só onde Dionísio expõe cada parte da leitura, mas por que há um capítulo reservado à *prosoidía*, e outro à *diastolé*, mas nenhum exclusivo da *hypókrisis*.

10 A lição sobre rapsódia chama a atenção, porque nem responde ao que se expõe antes, isto é, às “partes da gramática” (cap. 1-4; cf. p. 5, l. 4: *mére* [...] *autês* [= *grammatikês*]), nem ao que se expõe a seguir, isto é, às “partes da oração” (cap. 10-20; cf. p. 23, l. 1: *Toû* [...] *lógou mére*); de fato, como define o mesmo Dionísio, rapsódia é, antes, “parte de poema” (cf. p. 8, l. 4: *méros poiématos*). Assim, pode-se dizer que a lição está deslocada. Os ESCÓLIOS atentam para essa dificuldade; a fim de resolvê-la, porém, apelam para o argumento do escopo propedêutico de Dionísio (cf. n. 5, 11), dizendo que a lição é necessária aos iniciantes. Assim, uns simplesmente justificam a lição, dizendo que, uma vez que o primeiro livro com que tomam contato as crianças que se iniciam na leitura são os livros de Homero, e uma vez que estes estão divididos em rapsódias, Dionísio quis ensinar àquelas o que é rapsódia (Comm. Melamp. D. Thr. p. 28, l. 11-4). Outros, primeiro, acusam a lição sobre rapsódia de inconveniente (cf. *ou prosekóntos*), ou ainda, de inoportuna (cf. *ouk eúkairon*; *ákairoi*). Pois a rapsódia é parte de poema, de modo que a lição sobre aquela convém a quem fala acerca de poética; a arte gramatical, porém, é própria das partes da oração, e as partes da arte gramatical, por sua vez, são a delimitação, a acentuação, a leitura, as quais não é descabido (cf. *ouk átopon*) Dionísio preceituar. Daí, porém, justificam a lição; pois, uma vez que Dionísio disse que leitura é a pronúncia infalível dos poemas ou escritos em prosa, e uma vez que a rapsódia é parte de poema, e ademais a que se ensina sobretudo aos mais novos, por isso Dionísio preceitou a rapsódia (Sch. Marc. D. Thr. p. 314, l. 18-30).

11 Encerrada no “Capítulo 4” a 1ª PARTE da *Arte*, isto é, a exposição das partes da gramática (cap. 1-4), começa no “Capítulo 6” a 2ª PARTE, isto é, a exposição das partes da oração (cap. 6-20). A ordem desta segue da parte menor para a maior, assim: 1º *stóikhēion* “elemento” (cap. 6); 2º *syllabé* “sílabas” (cap. 7-10), que se constitui de elementos; 3º *léxis* “palavra” (cap. 11), que se constitui de sílabas; 4º *lógos* “oração” (cap. 11), que se constitui de palavras. Tais constituintes do discurso podem-se subdividir em dois pares: de um lado, os constituintes não-significativos, isto é, elemento e sílaba; de outro lado, os constituintes significativos, isto é, palavra e oração (cf. p. 24, l. 3: *semaínon*; p. 33, l. 6: *semaínon*; p. 34, l. 1: *semaínon*; p. 40, l. 1: *semaínon*; p. 40, l. 4: *semaínon*; p. 44, l. 4: *semaínon*; p. 76, l. 4: *semantiká*; p. 91, l. 2: *semaínousi*). Por ser a menor parte significativa da oração, aliás, é que a palavra é definida simplesmente como “a menor parte da oração” (cf. p. 22, l. 4: *méros elákhiston tou* [...] *lógou*), e é a exposição dessas partes da oração (cf. p. 23, l. 1: *toû* [...] *lógou mére*), isto é, dessas espécies de palavra, que ocupa dois terços de toda a *Arte* (cap. 12-20). É para notar, porém, que não é evidente o vínculo entre a primeira e a segunda parte da *Arte*; pois nem as partes da oração são anunciadas naquela, nem as partes da gramática são retomadas nesta. Os ESCÓLIOS parecem notar tal dificuldade. Para remediá-la, porém, explicam a ordem da exposição de Dionísio, dizendo que dos elementos se constituem as sílabas, e destas as palavras, e destas as orações, e destas os poemas e também os escritos em prosa (Comm.

Melamp. D. Thr. p. 31, l. 9-21). Assim, estabelecem um vínculo entre elemento, sílaba, palavra e oração, que pertencem à exposição das partes da oração, isto é, à 2ª PARTE da *Arte*, e poetas e também prosadores, que pertencem à definição de gramática, isto é, à 1ª PARTE. Demais, justificam a ordem da exposição, dizendo que dos elementos saem as sílabas, e destas as palavras, e destas os entendimentos, e destes a oração perfeita, de maneira que Dionísio ensina os iniciantes de modo ordenado (Sch. Vat. D. Thr. p. 211, l. 25 - p. 212, l. 1; cf. Sch. Marc. D. Thr. p. 317, p. 24-8; p. 352, l. 25-7; Sch. Vat. D. Thr. p. 214, l. 5-6; Sch. Lond. D. Thr. p. 512, l. 26-7); assim, socorrem-se do argumento do escopo propedêutico de Dionísio (cf. 5, 10).

12 A expressão *pezè léxis* “elocução pedestre” é, originalmente, metafórica. Segundo Estrabon, isso mesmo de chamar pedestre o discurso sem metro insinua que o discurso desce do alto de um carro para o solo (Str. I 2, 6; cf.: *katabánta* [...] *okhématos*); Plutarco, por sua vez, diz que a história, a princípio, usava de metros, melodias, cantos, mas depois desceu dos metros como quem desce de carros e, com discurso pedestre, separou o verdadeiro do fabuloso (Plut. *De Pyth. orac.* 406 b-f; cf. *katébe* [...] *okhemáton*); em suma, o discurso fora transportado em carros, até que apeou destes. Assim, de acordo com a metáfora, a expressão aplica-se a discurso sem metro, e opõe-se a discurso com metro. No mesmo passo citado, porém, Estrabon, ao distinguir, de um lado, fraseados poéticos, a saber: o trágico e o cômico, e, de outro lado, fraseados retóricos, a saber: o histórico e o judicial, diz que, na verdade, o *émmetros* “metrificado” e o *pezós* “pedestre” são as espécies de que o *lógos* “discurso” é o gênero (Str. I 2, 6). Daí, poder-se-ia acusar a definição de *lógos* “oração” dada por Dionísio de incompleta e incoerente: incompleta, porque inclui no gênero do *lógos* uma das espécies, a *pezè léxis*, mas exclui daquele a outra, a *émmetros léxis*; incoerente, porque discrepa da definição de gramática dada pelo mesmo Dionísio, a qual inclui prosadores, que usam da *pezè léxis*, e também poetas, que usam da *émmetros léxis*. Por notar tal dificuldade, os copistas dos mss. L e G pretendem emendar a definição, acrescentando-lhe a expressão *emmétrou*, assim: *pezès <te kai emmétrou> léxeos* “de elocução pedestre e também metrificada”; a lição do ms. L, ademais, é adotada pelo copista do ms. B, o mesmo que emenda outros passos da *Arte*, a fim de acomodá-los à definição de gramática que encabeça esta (cf. n. 1, 6). Os ESCÓLIOS, por sua vez, são unânimes, antes de tudo, em reconhecer as dificuldades que pesam sobre a definição de oração. Assim, uns advertem de que a matéria da gramática é o *genikòs lógos* “discurso em geral”, de que um é o poético, e o outro, o pedestre, de maneira que insinua que a definição de *lógos* deve compreender ambas as espécies, e não limitar-se a uma única (Sch. Vat. D. Thr. p. 114, l. 35-8); outros, que Dionísio exclui da definição de *lógos* “oração” as *émmetroi léxeis* “elocuições metrificadas” (Sch. Vat. D. Thr. p. 214, l. 3-4; Sch. Marc. D. Thr. p. 355, l. 16-8); outros perguntam por que Dionísio nomeia tão-só a *pezè léxis* “elocução pedestre”, que é própria do *katalogáden lógos* “oração ao modo da fala” (Sch. Lond. D. Thr. p. 514, l. 2-3; cf. Comm. Melamp. D. Thr. p. 57, l. 7-8). Daí, procuram re-

solver as dificuldades que pesam sobre o termo *pezós* “pedestre”; mas então deparam, senão criam outra dificuldade, que pesa sobre o termo *synthesis* “composição”, que é empregado com aquele na definição de oração. Assim, quanto ao termo *pezós*, uns dizem que a composição é dita por Dionísio frase “pedestre” porque esta é aquela por onde todos transitam, tanto poetas como discursadores pedestres (Sch. Vat. D. Thr. p. 212, l. 16-21); assim, porém, torcem o significado do termo *pezós*, referindo-o ao discurso em geral, quando todavia ele significa particularmente o discurso em prosa. Outros dizem que a oração “pedestre” é segundo a natureza, nua de elaboração, e nos escritos poéticos as coisas se constituem segundo apócope e perífrase, e que por isso Dionísio nomeou tão-só a elocução “pedestre”, por ter julgado preferível o que é segundo a natureza ao que é contra a natureza (Sch. Lond. D. Thr. p. 514, l. 3-10); não explicam, porém, a razão de tal preferência. Seja como for, admitida a restrição da definição de oração à composição de elocução “pedestre”, os ESCÓLIOS, daí, acusam o termo *synthesis* “composição” de estar mal empregado naquela definição, isto é, de estar empregado no lugar de *syntaxis* “construção”. Pois supõem que “segundo composição” seja como se descreve a oração estabelecida nos metros, e “segundo construção”, aquela estabelecida ao modo da fala; de maneira que concluem que Dionísio deveria propor-se falar, não de “composição”, que é própria da elocução metrificada, mas de “construção”, que é própria da oração pedestre (Sch. Lond. D. Thr. p. 513, l. 23-6; cf. Sch. Marc. D. Thr. p. 355, l. 16-32; Sch. Vat. D. Thr. p. 212, l. 13-6; p. 214, l. 6-9; Comm. Melamp. D. Thr. p. 57, l. 7-11). Assim, à acusação de incoerente e incompleta, somar-se-ia a de imprecisa.

Tradução e notas
MARCOS MARTINHO
Universidade de São Paulo